

JORGE AMADO E IVAN PEDRO DE MARTINS: APARAS DE UMA HISTÓRIA APAGADA

JORGE AMADO AND IVAN PEDRO DE MARTINS: REMNANTS OF AN ERASED HISTORY

Aline Rullian Germann Woloski¹

RESUMO

Considerando que a literatura é um sistema vivo, novas descobertas e acréscimos fazem parte de seu processo de renovação e continuidade. Este estudo é o primeiro resultado do pós-doutoramento iniciado em 2015 na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O corpus é inédito e compõe um acervo de mais de 1400 documentos que registram o autoexílio do escritor Jorge Amado durante os anos de 1941 e 1942 em Montevideu e Buenos Aires. Em meio a tantos documentos, delimitou-se como objeto de pesquisa a correspondência e documentos trocados entre Jorge Amado e Ivan Pedro de Martins, que, neste momento, pertenciam à ANL e redigiam algumas de suas mais importantes obras para a literatura brasileira. O mineiro Ivan Pedro de Martins, que viria a ser reconhecido como um dos escritores de literatura de fronteira do Rio Grande do Sul, vivia, assim como Jorge Amado, em autoexílio. Foi exatamente a adversidade que aproximou Martins da região fronteiriça de São Gabriel, onde seu sogro tinha uma Estância. Foi ao vivenciar a lida diária do homem do campo do Rio Grande que escreveu *Fronteira Agreste* (1944) e *Caminhos do Sul* (1945), leituras fundamentais para os que querem conhecer a ficção gaúcha. Além da importância histórica e literária, as correspondências inéditas comprovam a amizade entre os dois escritores, uma vez que são a materialidade de opiniões literárias, desabafos sobre a situação do país, relatos de situações pessoais e partilha de vida.

Palavras-chave: Jorge Amado. Ivan Pedro de Martins. Aliança Nacional Libertadora (ANL).

ABSTRACT

Considering literature as a living system, new discoveries and additions are part of its process of renewal and continuity. This study is the first result of a postdoctoral research which began in 2015 at the Federal University of Santa Catarina (UFSC). The corpus is unpublished and composed of a collection of over 1,400 documents recording the writer Jorge Amado's self-exile between 1941 and 1942 in Montevideo and Buenos Aires. Among the many documents, the object of the current research was limited to the correspondence and documents exchanged between Jorge Amado and Ivan Pedro de Martins, both of whom were then members of the National Alliance for Freedom (ANL) and were writing some of the most important works in Brazilian literature. Ivan Pedro de Martins was originally from the state of Minas Gerais

1 Pós-doutoranda na UFSC sob a orientação da Prof^ª. Dr. Tânia Regina Oliveira Ramos, coordenadora do Núcleo de Memória e História da Universidade.

*and would be later acknowledged as one of the “border literature” writers in the state of Rio Grande do Sul, and he was living in self-exile, just like Jorge Amado. It was adversity which drew Martins closer to the border region of Sao Gabriel, where his father-in-law owned a ranch. Upon experiencing the daily life as a Rio Grande country man, he wrote *Fronteira Agreste* (1944) and *Caminhos do Sul* (1945), pieces considered to be fundamental for those who wish to get acquainted with southern Brazilian fiction. In addition to its historical and literary importance, the unpublished correspondence shows the friendship between the two writers: the material expression of literary opinions, venting about the country’s situation, records of personal situations, and life sharing.*

Keywords: Jorge Amado. Ivan Pedro de Martins. National Alliance for Freedom (*Aliança Nacional Libertadora* - ANL).

INTRODUÇÃO

O objetivo dessa pesquisa de pós-doutorado é resgatar, analisar, publicar e divulgar o conteúdo das correspondências trocadas por Ivan Pedro de Martins e Jorge Amado entre 1941 e 1942. O presente estudo é o passo inicial para a concretização deste objetivo, uma vez que traz a luz os dados levantados até o momento. Assim, este primeiro momento, não contempla em absoluto o corpus disponível, uma vez que os documentos que compõem a mala estão sendo cuidadosamente desvendados.

O acervo, sob a coordenação da Prof^ª. Dr. Tânia Regina Oliveira Ramos, está armazenado no nuLime, núcleo Literatura e Memória, da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Doado pela Prof^ª. Dr. Leonor Scliar Cabral, é composto por aproximadamente 1400 páginas e já recebeu uma primeira catalogação e acondicionado em material próprio. No momento, o acervo está sendo recatalogado a fim de suprimir possíveis faltas que possam ter ocorrido no reconhecimento inicial.

O período em que Martins e Amado permaneceram afastados foi de diferente duração, porém a época em que, concomitantemente², retiraram-se legou um material significativo, que retrata não apenas as atribulações do momento político do Brasil, como também aspectos das suas produções.

O material, apesar de intencionalmente esquecido, não desapareceu. A militante Rosa Scliar, amiga de Jorge Amado, percebendo a importância do que havia ficado, reuniu os documentos e, durante muitos anos, guardou-os em uma mala.

Setenta anos depois, entregou a mala à sua filha, Dr. Leonor Scliar Cabral que confiou à Prof^ª. Dr. Tânia Regina Oliveira Ramos o privilégio de abrir a mala e trazer à tona as histórias até então adormecidas. Em meio a

2 1941 – 1942.

tantas possibilidades, a escolha pelas correspondências de Martins e Amado justifica-se pelo interesse em estudar conexões e contribuições recebidas pelo sistema literário rio-grandense de outros, oriundos de regiões e escritores com realidades e culturas diversificadas.

Os escritores Ivan Pedro de Martins e Jorge Amado são reconhecidos por suas colaborações, contribuindo para a literatura das regiões a que dedicaram sua atenção. Os estudos sobre suas obras são variados, porém o levantamento e análise do material de correspondência entre ambos é totalmente inédito. Realizar o estudo das cartas trocadas por Martins e Amado, assim como seus conteúdos, acrescenta a nossa historiografia literária um capítulo que aguarda análise e redação.

1 Da amizade e seus rastros

Grande parte das pessoas guarda diversos documentos pessoais, tanto os de caráter oficial como os que registraram momentos íntimos. A verdade é que, com o passar dos anos, além comprovações e recordações de acontecimentos, eles deixam para as futuras gerações pistas de que aqueles eventos realmente ocorreram. Dessa forma, é muito comum encontrar famílias que reconstroem trechos perdidos de suas histórias por meio destes rastros.

Ao longo da história da humanidade, diversos eventos, cuja divulgação e manutenção não eram de interesse de um grupo, eram apagados com a ausência de registros ou ainda com a destruição de outros. Acerca destes apagamentos, Derrida (2002) destaca que sabemos que algo em nós, inclusive sob um olhar psíquico, orienta-se para a destruição inadvertida do rastro e é daí que surge a necessidade do arquivo. Enquanto alguns preferem esquecer, outros procuram garantir a informação, pois, da mesma forma que existe o impulso de eliminar a memória e fatos considerados desagradáveis, é inerente ao homem o ímpeto de contar histórias e memorializá-las. Jacques Derrida (2002:44), em “Archive fever in South África”, exemplifica situações em que a necessidade do apagamento contrapõe-se à memória:

Os ataques a museus, arquivos e instituições culturais que acompanham a limpeza étnica na Bósnia e alhures; a supressão deliberada de memórias pelo regime do apartheid na África do Sul e a representação da luta contra o apartheid como “luta entre memória e esquecimento.

Se de um lado a manutenção dos registros garante aos que estão em posição privilegiada o direito a defesa e/ou ataque, os que não estão podem utilizá-la como forma de chegar ao poder ou de criticar os que lá estão. Apagamentos aparecem em disputas ideológicas em vários períodos históricos. Um exemplo que ilustra tal afirmação é a famosa foto de Lênin alterada por Stalin na qual a imagem de Trotski é apagada por ele ser opositor ao regime de Stalin.

Se no caso de Lênin e Trotski o apagamento foi intencional, em algumas situações, ele ocorre por acidente, tendo os mais variados motivos. Guerras, incêndios e desastres naturais já consumiram importantes registros, nunca recuperados.

Os acervos são os espaços que abrigam lembranças e episódios da vida pública e privada salvos da ação do homem e do tempo. Philippe Ariès (2013:45), sobre a questão do arquivamento, afirma que:

A morte, o corpo posto no esquife, o enterro e, depois, na casa do defunto, uma descoberta: uma mala conservada sob o leito do morto. Seu outro corpo. No cofre, um conjunto de papéis pessoais, coleção de lembranças de episódios de vida: segredos, um “jardim secreto”, aqui; um engajamento político ali, uma ‘paixão ou doença... a abertura da mala e a leitura dos arquivos de uma vida; desvelamento do que foi subtraído para ser conservado. Se muitas vezes nos interessamos pela natureza dos arquivos pessoais e pelas práticas que lhes dão origem – a correspondência ou o diário íntimo – e, conhecemos bem as maneiras de fazer, os modelos convencionais, os modos de transmissão e as modalidades de leitura, por outro lado, nada ou quase nada sabemos dos modos de fabricação desse arquivo.

Foi exatamente por este motivo que, até pouco tempo atrás, mais precisamente até o ano de 2012, que o período de exílio no Uruguai e Argentina de Jorge Amado ficou sem maiores detalhes. Os documentos envolvendo aspectos sociais e pessoais deste curto período, entre 1941 e 1942, ficaram, literalmente, esquecidos em uma mala.

Tais documentos são de extrema importância pois, além de serem a materialidade da relação profissional e da amizade entre ambos, também é uma representação do momento pelo qual o Brasil passava.

Em 1941 e 1942, período de correspondência entre Ivan Pedro de Martins e Jorge Amado, o Brasil encontrava-se sob um regime autoritário

chamado Estado Novo, cujo líder era o presidente Getúlio Vargas. Esta forma de organização governamental censurava e reprimia a oposição e ideologias consideradas subversivas, caso do comunismo.

A Aliança Nacional Libertadora, que, além da amizade, era um dos vínculos que uniam Martins e Amado, era uma organização política que fazia oposição ao governo do período com características comunistas. Sobre a ANL, Boris Fausto (2006:197) afirma:

O programa da ANL tinha conteúdo nacionalista. Nenhum de seus cinco itens se dirigia especificamente aos problemas operários. Eram eles a suspensão definitiva do pagamento da dívida externa; a nacionalização das empresas estrangeiras; a reforma agrária; a garantia das liberdades populares; a constituição de um governo popular; a constituição de um governo popular, do qual poderia participar qualquer pessoa na medida da eficiência de sua colaboração.

A formação da ANL se ajustou à nova orientação dada ao PCB que vinha do Comintern, defendendo a criação de frentes populares, em todo o mundo contra a ameaça fascista. A ANL seria o exemplo de uma frente popular adaptada às características do chamado mundo semicolonial, reunindo vários setores sociais dispostos a enfrentar o fascismo e o imperialismo.

Da mesma forma que Amado, em função da forte repressão aos membros da Aliança Nacional Libertadora, Ivan Pedro de Martins buscou refúgio. Enquanto o famoso escritor baiano já era reconhecido amplamente por sua produção literária, o mineiro Ivan escreveria sua obra mais representativa durante o exílio.

Se o autor de “Mar morto” retirou-se, respectivamente, para Montevideu e Buenos Aires, Ivan Pedro de Martins refugiou-se na estância do sogro na região do pampa gaúcho, mais especificamente na cidade de São Gabriel. É neste espaço, repleto da tradição gaúcha e, assim como o restante do País, em ampla modificação, que foram redigidas as obras “Fronteira agreste”, “Caminhos do Sul” e “Casas acolheradas”. Juntos, os títulos compõem a Trilogia da campanha.

Em depoimento ao professor Antonio Hohlfeldt (1998:19), Martins enfatiza seu interesse no estilo de vida do homem do campo rio-grandense:

Na formação ou na construção de minha obra literária, o que realmente influi foi o encontro de um jovem que carre-

gava uma tremenda carga de erudição ou cultura, erudição pelo muito lido e aprendido, e cultura pela parte digerida, quando passou a tomar contato no Rio Grande com o trabalho diário, miúdo, da gente que trabalha. Da gente que trabalha manualmente. O peão, o posteiro, o tropeiro, o leñeiro, o alambrador, aquela espécie de gente que faz parte de um Rio Grande anônimo e desconhecido.

Apesar dos encontros que já evidenciavam um pensamento político convergente, uma vez que ambos eram membros da ANL, organização com características comunistas e inspirada nos Bolcheviques da Revolução Russa de 1917 liderados por Lênin, foi somente a durante o período de afastamento a que ambos se submeteram que os laços de amizade estreitaram-se.

Ivan Pedro Martins, mais do que um membro da ANL, era o Secretário Político da organização e, por este motivo, um dos principais responsáveis pelo movimento. Em 1934, a Aliança Nacional Libertadora decidiu iniciar uma ampla movimentação nacional, iniciando pelo Norte do País, culminando na Intentona Comunista de 1935. Frustrada a tentativa, Martins refugiou-se na fazenda de seu sogro, Camilo Mércio, localizada na região de São Gabriel, próxima à fronteira entre Brasil e Uruguai.

Ao lado da esposa, Mary Mércio, passa a vivenciar a rotina da fazenda, inteirando-se dos perfis das pessoas, da estância e da imaginária fronteira que separava Brasil e Uruguai. É neste cotidiano que o mineiro de Abadia de Pitangui inspirou-se para escrever sobre o Rio Grande do Sul. Segundo Antonio Hohlfeldt (1998), a contribuição de Ivan Pedro Martins consiste na abordagem explícita da vida dos homens marginalizados dessa sociedade, a partir dos próprios espaços físicos e geográficos que ocupam, evidenciando que também a localização dos povos não é nem gratuita nem destituída de sentido.

Enquanto trabalhava na que seria a sua grande obra, Ivan Pedro Martins mantinha seus ideais vivos e, mesmo tão distante da efervescência de sua organização política, continuou a sua militância por meio de correspondências trocadas com colegas da ANL. Destaca-se neste grupo, o escritor baiano Jorge Amado que, assim como Martins, retirou-se motivado pela perseguição política do governo ditatorial brasileiro.

Jorge Amado, atendendo a um pedido do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e fugindo, assim como Martins, de repressões políticas da posição, estabeleceu residência no Uruguai. Uma vez instalado, Amado começou a reunir materiais que pudessem servir à ANL contando, para isso, com companheiros de movimento, caso de Ivan Pedro Martins. Além dos

contatos que realizou, aproveitou a tranquilidade da nova moradia para pesquisar sobre a vida do líder Luiz Carlos Prestes e escrever sobre a sua vida. O objetivo era publicar a biografia do responsável pela Intentona Comunista em português e espanhol.

Enquanto o autor baiano dedicava-se aos seus estudos, Ivan Pedro de Martins iniciou-se a redação das obras que marcariam a sua carreira de escritor. Nestes livros Martins abordou aspectos envolvendo organização do social, diferenciação entre as classes e os antagonismos culturais e econômicos. A correspondência trocada com Jorge Amado segue o mesmo padrão de repensar o histórico de forma a resultar em um estudo que processe e apresente os fatos pelos quais, principalmente o pampa gaúcho, passou durante o seu afastamento da capital do País. Assim como Cyro Martins e a sua Trilogia do gaúcho a pé, Ivan Pedro de Martins retrata episódios e costumes de forma a complementar a tradição literária gauchesca da década de 1940.

Com o fortalecimento do regime repressor, que buscava manter o regime ditatorial, muitos encontraram como única saída o exílio. Aqueles que não foram exilados ou auto exilaram-se ficaram no país mantendo o movimento vivo e, muitas vezes, servido de ponte entre os saudosos de sua terra natal e suas famílias.

Devido à forte fiscalização do grupo de inteligência do Estadista Getúlio Vargas, as correspondências que entravam e saíam do País por meio dos membros da ANL eram uma das únicas formas de permitir a troca de materiais acerca deste movimento além, é claro, de possibilitar o contato com familiares.

Em meio aos vários membros da ANL que sofreram as consequências por colocarem-se contra o governo vigente, além de Jorge Amado, estava o escritor mineiro Ivan Pedro de Martins. Seus caminhos já haviam se cruzado anteriormente, caso da organização, em 1935, do I Congresso da Juventude Operária-Estudantil.

Apesar dos encontros, que já evidenciavam um pensamento político similar, foi somente durante o período de afastamento a que ambos foram submetidos que os laços de amizade estreitaram-se.

O material que comprova a amizade e colaboração mútua entre os dois escritores é composto por envelopes, que registram entrada e saída de informações do Brasil, de Montevideo e da Argentina; discussões sobre literatura, incluindo análise de produções e compartilhamento de textos inéditos; notícias do que se estava fazendo como representante da ANL nos locais em que estavam exilados e o que os demais companheiros de organização estavam fazendo; e de relatos de aspectos pessoais e impressões que

compartilhamos somente com pessoas próximas.

Além de servirem como elo de conexão com a realidade política do Brasil e com os trabalhos literários desenvolvidos, as cartas também eram o meio de estabelecer comunicação com a família sem o olhar atento da censura. Nem sempre obtinham sucesso, mas, algumas vezes, ao remeter a carta para Ivan Pedro de Martins, Jorge Amado conseguia que as notícias fossem reenviadas pelo amigo e, assim, chegassem em seu inteiro teor. Os envelopes abaixo são exemplos destas tentativas:



Figuras 1 e 2: Envelopes de cartas enviada à Matilde Amado, primeira esposa de Jorge Amado.

Fonte: Acervo do nuLime – Núcleo de Literatura e Memória da UFSC

Nos envelopes acima, podemos observar que a correspondência foi encaminhada a Ivan Pedro de Martins a fim de que fosse reenviada para Matilde Amado, primeira esposa de Jorge Amado e mãe da sua primeira filha, Lila, falecida na adolescência. Na primeira, não se obteve sucesso quanto à censura, uma vez que o conteúdo passou por revisão antes de chegar ao seu destino final. Porém, no segundo envio, a correspondência chegou sem ressalvas de nenhum órgão, garantindo, assim, a integralidade de seu conteúdo.

Para que as correspondências chegassem ao seu destino, tanto Jorge Amado como Ivan Pedro de Martins contavam com ajuda de outros companheiros de causa, que, a exemplo de Ivan Pedro, redirecionavam a correspondência quando necessário. O remetente da carta abaixo, quando Jorge Amado já estava na Argentina, exemplifica esta situação:



Figuras 1 e 2: Frente e verso de envelope de carta enviada a Ivan Pedro de Martins por Jorge Amado. Ver remetente: M. R. Oliver. Amado.

Fonte: Acervo do nuLime – Núcleo de Literatura e Memória da UFSC

As correspondências evidenciam tanto a militância política como a amizade entre os escritores, uma vez que os conteúdos abordam desde questões envolvendo a ANL e opiniões acerca das produções literárias de ambos. Em uma carta enviada a Jorge Amado, a quem chamava de “Velho Jorge”, Martins, já no parágrafo inicial, tece comentários acerca da situação no Brasil e faz referência a Castro Alves, tema da obra “O ABC de Castro Alves”, de Amado”:

Montevideo, 21 de outubro de 1941.

Velho Jorge,
Um abraço.

O Pompeo³ já deve ter chegado e com ele as notícias de interesse de caráter local e algumas coisas do Brasil e do estrangeiro. Recebi sua carta e concordei plenamente com suas observações referentes à defesa da explosividade viril de Castro Alves. Achei difícil dar à carta um ar de estudo, no entanto resolvi preparar uma introdução e depois ir intercalando observações à medida que a ocasião se apresentava.

A carta segue com a análise de aspectos sobre a vida de Castro Alves, informa sobre pesquisas para futuros textos e de uma possível comunicação que ocorreria. Conclui de forma informal e afetuosa, deixando claro que, em outra oportunidade, continuariam a debater o assunto.

Sobre a obra “O ABC de Castro Alves”, Ivan Pedro de Martins redigiu um longo ensaio, enviado a Jorge Amado em 7 de outubro de 1941. O estudo, composto por nove páginas, comenta de maneira minuciosa a obra recém pronta. Era uma frequente a troca de opiniões sobre escritos ainda inéditos. Ivan Pedro de Martins, solicitando também uma opinião do amigo, envia a Jorge Amado o conto “Não vale a pena ser mãe...”. O cuidado e o respeito com a produção do companheiro de ANL fica evidente logo no início da carta:

Montevideo, 7 de outubro de 1941.

Querido e velho Jorge:
Um abraço.

Na vez passada lhe prometi opinar e opinar com seriedade sobre seu livro e estive uns três dias tratando de amadurecer o que tinha a dizer,

3 Agente literário de Jorge Amado.

depois de lê-lo, como lhe disse, três ou quatro vezes e marcá-lo para ordenar a opinião.

O artigo, sobre o qual posteriormente será realizado um detalhado estudo devido a sua qualidade e importância, segue com uma retrospectiva de obras anteriores de Jorge Amado, com o intuito de comparar os escritos anteriores e enaltecer o crescimento profissional do baiano. A amizade e admiração de Ivan Pedro e Jorge Amado são reafirmadas ao final da análise:

O ABC é um trabalho para ser levado às escolas, aos quartéis, aos clubes, a toda a parte e dizer “Eis aqui uma vida digna de ser conhecida, quem a escreveu a tem por norma. E há muito por diante, Velho Jorge. Agora é marchar. Outras cadeias por romper, como diz você. Que você possa produzir ainda muito, para que no Brasil e no mundo se possa continuar ouvindo a voz divina que canta:

Vós que o templo das ideias
Largo – abris às multidões
P’ra o batismo luminoso
Das grandes revoluções.

Você, herdeiro e irmão dessa voz, responde agora com o ABC que é todo um canto de guerra. Adiante, Jorge, e novamente obrigado, por mim e pelos milhares que não lhe podem dizer tudo o que lhe digo agora. Seu livro é um grande livro, digno de você. E ficará.

Aqui termino para que não saia um novo volume sobre o ABC. Creio que fiz o que prometi, demorei, mas quando opinei agarrei quanto cabelinho podia ser agarrado. Você naturalmente verá nessa carta o pensamento de alguém que muito lhe quer e admira.

A carta/ensaio exalta as qualidades da obra e de seu autor, porém é séria, à medida que evidencia o que pode ser melhorado. As palavras enviadas e recebidas são importantes pois, além de expressarem uma respeitosa amizade, passam a ser fonte de pesquisa e conhecimento pelos seus aspectos técnicos. Mais do que envidar outro, procuram ser fiéis ao fazer literário. Tornam-se, portanto, meios de estudos críticos das obras de ambos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo é o início de uma série de artigos que pretendem divulgar o material acerca de Jorge Amado e Ivan Pedro de Martins durante o período de autoexílio de ambos. Logo, a conclusão deste trabalho consiste em um ponto de partida para um próximo.

A reunião dos rastros deixados por Jorge Amado e Ivan Pedro de Martins vão, conjuntamente, dão corpo a um período apagado pela, até então, ausência de pistas. Os anos de 1941 e 1942 deixam de ser lacunas e passam a ser fatos com o surgimento destes documentos guardados por setenta anos em uma mala.

Uma simples decisão, a de não descartar papéis deixados para trás, garantem a memória, a continuidade de análises sérias, o compartilhamento de textos e trabalhos e o registro de uma amizade que influenciou a vida e a obra dos dois escritores, Jorge Amado, um dos responsáveis pela manutenção dos costumes, belezas e culturas do povo baiano, e Ivan Pedro de Martins, o mineiro que tão bem representa a literatura de fronteira do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Castro. *Espumas flutuantes*. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- ARTIÈRES, Philippe. *Arquivar-se: a propósito de certas práticas de autoarquivamento*. In: HEYMANN, Luciana; ROUCHOU, Joëlle; Travancas; Isabel (Org.). *Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiência de pesquisa*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2013.
- AMADO, Jorge. *O ABC de Castro Alves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- AMADO, Jorge. *Vida de Luís Carlos Prestes: o cavaleiro da esperança*. São Paulo: Martins, 1942.
- DERRIDA, Jacques. *Archive Fever in South África*. In: Carolyn Hamilton et al. *Refiguring the archive*. Dordrecht: Kluwer, 2002.
- FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Org.). *Prezado senhora, Prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- HEYMANN, Luciana; ROUCHOU, Joëlle; Travancas; Isabel (Org.). *Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiência de pesquisa*. Rio de Janeiro:

- Editora da FGV, 2013.
- HOHLFELDT, Antonio. *Trilogia da campanha: Ivan Pedro de Martins e o Rio Grande invisível*. Porto Alegre: IEL: EDIPUCRS, 1998.
- MARTINS, Ivan Pedro de. *A flecha e o alvo: a intentona de 1935*. Porto Alegre: Movimento, 1994.
- MARTINS, Ivan Pedro de. *Fronteira agreste*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1960.
- MARTINS, Ivan Pedro de. *Caminhos do Sul*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1946.
- MIRANDA, Wander Melo; SOUZA, Eneida Maria de (Org.). *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Editora da UFMG
- RAMOS, Tânia Regina Oliveira. *Fragmentos para uma história ainda não escrita: Jorge Amado e o Partido Comunista no exílio 1941-1942*. Navegações: revista de cultura e literaturas de língua portuguesa, Porto Alegre, v.5, n.2, p. 156-161, 2012.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

Recebido em 15/2/2016

Aprovado em 20/6/2016